

Marking Time: on the anthropology of the contemporary

Paul Rabinow

DOI: 10.3395/reciis.v2i2.222pt

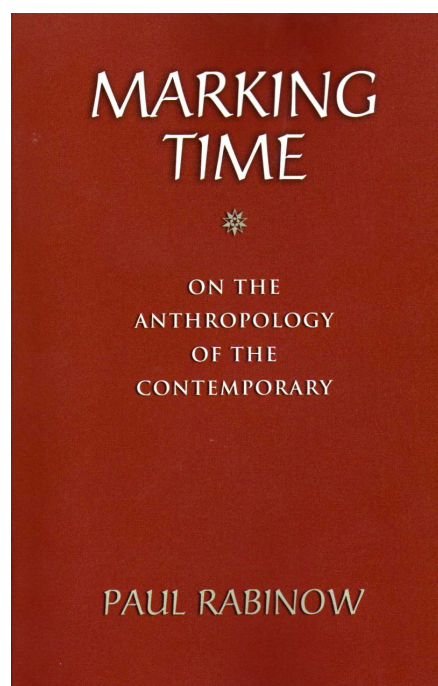
Messias Basques

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, Brasil
messias.basques@gmail.com

A expressão *Marking Time* evoca diversos sentidos. Neste livro, Rabinow nos diz que procurará destacar três possíveis: um intervalo entre ações; um espaço performativo, tal como o entreato numa composição; e a possibilidade de uma antropologia que conjugue os aspectos precedentes num inquérito das práticas e formas que caracterizam o mundo contemporâneo. *Marking Time* dá continuidade aos livros *Anthropos Today* (2003) e *A Machine to Make a Future* (2005), nos quais o autor elaborou alguns dos conceitos que fundamentam sua proposta de uma antropologia da contemporaneidade.

Marking Time resulta das pesquisas de Paul Rabinow durante os anos de 2003 a 2006, período no qual se ocupou, sobretudo, das mudanças nos domínios da biotecnologia numa era pós-genômica e da experimentação de métodos alternativos ao inquérito e produção do conhecimento antropológico. Tendo em vista a miríade de temas e objetos de estudos forjados na seara estabelecida entre a antropologia e as ciências biológicas, o desafio inicial foi o de compor uma agenda coletiva de pesquisa que foi levada adiante a partir da consolidação do grupo “The Anthropology of the Contemporary Research Collaboratory”, sediada na Universidade da Califórnia (UCLA-Berkeley).

Foi também neste período que Rabinow passou a trabalhar com Robert Brent, diretor do Instituto de Ciências Moleculares de Berkeley (MSI), um centro de excelência norte-americano em pesquisas de genoma e biologia computacional. Sua inserção no Instituto tem por objetivo o acompanhamento das iniciativas de Brent e sua equipe no que concerne ao tema da biossegurança em torno do incipiente campo da biologia sintética.



Princeton: Princeton University
Press, 2008

ISBN: 978-0691133638

Segundo Rabinow, o desafio de uma antropologia dos recintos laboratoriais seria, justamente, a apreensão das implicações desses novos desenvolvimentos tecnocientíficos e sua possível ressonância noutras áreas de conhecimento e expressões estéticas responsáveis por testemunhos e matizes que, tomados em conjunto, revelariam os contornos da época em que vivemos. Ou quiçá um intervalo, entreato, em que poderíamos vislumbrar as diversas faces daquilo que nos é contemporâneo, lançando luz nas suas relações mediante uma escrita de caráter experimental e ensaístico mais preocupada em oferecer ao leitor um convite a ver de modo diferente o que nós, ditos modernos, costumamos separar em áreas de saber que se tornaram incomunicáveis em virtude da sua autonomização, voltadas para si mesmas e seus pares.

Dos recintos laboratoriais às obras do pintor alemão Gerhard Richter, Paul Rabinow procurará demonstrar que uma antropologia do contemporâneo deverá atentar, necessariamente, para as reconfigurações por que têm passado *anthropos*, *bios* e *logos*, isto é, para as formas e práticas que fundamentam nosso entendimento das noções de *homem*, *natureza* e *conhecimento* na modernidade, hoje. Assumindo uma postura que tributa a filósofos tais como Ludwig Wittgenstein e Michel Foucault, Paul Rabinow pretende oferecer ao leitor descrições que não se tornem reféns da necessidade de uma explicação, mas que, ao contrário, deixem entreabertas outras possíveis interpretações dos fenômenos em tela. Em suma, uma boa descrição dispensaria qualquer ênfase numa explicação apriorística.

Na Introdução, o leitor poderá encontrar uma definição daquilo que Rabinow entende por contemporâneo: “uma razão moderna movente, que se desloca de um passado recente a um futuro próximo, num espaço (não-linear) que demarca a modernidade como um ethos tornando-se histórico” (p. 2). Não obstante, o termo contemporâneo não denotaria tão somente uma época mas antes de tudo seus processos emergentes, os quais impõem à antropologia o desafio de (re)avaliar a aplicabilidade de seu arsenal teórico-metodológico, além de suas próprias formas de produzir conhecimento. Por conseguinte, antropologia, aqui, não se pretende uma ciência humana voltada para a cultura ou a sociedade mas como um campo de reflexão que procura apreender as conexões dadas pelos seus objetos de estudo num determinado período.

Logo, se *Marking Time* não é uma monografia tradicional nem (exclusivamente) uma coletânea de ensaios, poderíamos sugerir que se trata de uma tentativa de abordar a própria antropologia como objeto, ou seja, um exercício de antropologia da antropologia numa visão que almeja problematizar seus conceitos, teorias e métodos em face de alguns dos desenvolvimentos tecnocientíficos de nossa época. É assim que Paul Rabinow nos coloca a seguinte questão: o que caracteriza um inquérito em antropologia? (p. 6). Prontamente, o autor nos remete ao livro *Logic: The Theory of Inquiry* (1938), de John Dewey, tendo em vista seu possível legado à tradição pragmatista e nominalista no rol das

ciências humanas. A seu ver, a desatenção ao estatuto da temporalidade dos fenômenos estudados nos faria incorrer no erro de suscitar um registro atemporal, ou seja, no qual as singularidades dos contextos etnográficos seriam subjugadas pela primazia de conceitos e teorias pretensamente universais.

No Capítulo seguinte, A legitimidade do contemporâneo, o autor discorre sobre algumas implicações das pesquisas de mapeamento e seqüenciamento do genoma humano, tomadas como eventos que deflagraram uma reformulação epistemológica substantiva (também) nos domínios das ciências humanas. Desde então, estaríamos às voltas com uma revisão dos fundamentos da modernidade e seus campos de saber, já que a grande maioria das nossas noções mais caras, como *natureza* e *sociedade*, tem sido contestada pelos avanços científicos e pela redefinição dos sentidos contemporâneos de *socius*. Com as inovações da ciência, as fronteiras entre os animais e os seres humanos, entre o orgânico e o inorgânico, entre cultura e natureza entraram em colapso. Logo, seria preciso “complexificar” a reflexão sobre as nossas relações sociais, cada vez mais mediadas pela ciência e tecnologia, rechaçando tanto uma “metafísica anticientífica” (característica do discurso criacionista) quanto uma “demonologia da tecnologia”. O que não impede Paul Rabinow de problematizar o fato de que a abordagem do “corpo” encontrada na biotecnologia e na genética contemporâneas o fragmenta, transformando-o num reservatório potencialmente discreto, cognoscível e explorável de produtos e acontecimentos moleculares e bioquímicos. Em decorrência de seu comprometimento com a fragmentação, não haveria literalmente concepção alguma da pessoa como um todo subjacente a essas práticas tecnológicas específicas. Em suas palavras, uma vez que o próprio homem está em questão, deveríamos ser capazes de enfrentar duas aporias: diante de tais mudanças nos domínios da biologia, qual *logos* será apropriado ao *anthropos* contemporâneo? E como este *logos* poderia ser formulado num sentido de aprimorar nossas capacidades sem intensificar, ao mesmo tempo, toda a sorte de relações desiguais que marcam nossa época? (p. 14). Numa releitura das mais influentes proposições filosóficas sobre a manipulação da vida humana, Rabinow confronta autores tais como Jürgen Habermas, Georges Canguilhem, Niklas Luhmann e Michel Foucault e apresenta, um cenário que dá mostras de que vivemos num período em que o predomínio da “desmedida” evoca o peso da invenção de outro modo de fazer política, que faça a integração do que a cidade havia separado: os assuntos humanos (práxis) e a gestão-produção das coisas (téchne).

Falamos acima da leitura da obra de John Dewey por Paul Rabinow. No terceiro capítulo, há uma reinterpretação da proposição deste filósofo acerca de um *olhar adjacente* enquanto método. Adjacente no sentido de que se mantenha em estreita proximidade com o objeto de estudo, mas num intervalo ou ponto de simetria convertido em espaço de problematização. Rabinow contesta as críticas feitas pelos antropólogos pós-modernos sobre o caráter ficcional da antropologia, colocando-se em defesa

tanto da etnografia – enquanto método e experiência – quanto da validade da escrita no fazer antropológico. Neste ponto, o leitor poderá acompanhar uma interessante análise das obras de Clifford Geertz e George Marcus tomadas em relação às pesquisas de Rabinow nos recintos do Instituto de Ciências Moleculares de Berkeley. E seu argumento em prol de um *modo de adjacência* revela-se igualmente tributário de sua leitura de Gilles Deleuze e Félix Guattari (*O que é a filosofia*, 1996), ainda que devidamente inflectida para seus interesses de pesquisa. E isto por que não se trata de importar da filosofia uma reflexão em termos de transcendência ou imanência, mas tão somente de pensar analogamente aos filósofos em questão uma alternativa analítica que seja capaz de apreender potencialidades, multiplicidades, e de criar um espaço de suspensão no qual a reflexão não se coadune ao crivo da dedução, mas antes ao raciocínio indutivo. Dos processos, atores e práticas à teoria.

Sendo assim, eis a questão: que modo de observação poderá fazer jus a um prisma que se pretende adjacente? Este é o tema do quarto capítulo, onde Paul Rabinow relata sua experimentação com entrevistas intensivas realizadas com grupos distintos de atores, em campos de pesquisa restritos. Oportunidades em que atua como antropólogo e observador ao mesmo tempo em que é observado por um de seus colaboradores, também antropólogo. Ou seja, uma antropologia do próprio fazer antropológico em ato que resultou num interessante livro escrito também em co-autoria, *A Machine to Make a Future* (2005). Doravante, Paul Rabinow esquadrinha o conceito de *bildung* na obra do importante historiador alemão Reinhart Koselleck. Deste modo, pretende reinterpretar o conceito em termos de um *ethos*, afastando-se do sentido que nos foi transmitido pela tradição romântica alemã em sua predileção pelas narrativas de época, constantes da literatura de Goethe e Thomas Mann. Portanto, pergunta-se Rabinow: qual *bildung* será apropriado às formas de vida contemporâneas?

Introduzida a questão, deparamo-nos com ensaios de Niklas Luhmann, *Observations on Modernity* (1998), onde este autor procurou pensar a respeito do lugar e estatuto do futuro na modernidade. O futuro apareceria como uma série contingente de possibilidades que demandam decisões sobre o porvir, num cenário pautado pelas noções de risco, sustentabilidade e segurança. Para Luhmann, a forma de observação apropriada ao estudo desses processos contingentes seria, exatamente, uma antropologia da antropologia. Isto é, a *observação dos observadores observando* (p. 57). Soma-se a esta dimensão analítica a suposição de que, como nunca antes, a continuidade temporal entre passado e futuro nos teria legado um modo de vida *presentificado*, ou seja, preso num momento sempre presente. Donde nossa dificuldade de fazer uma antropologia capaz de propor outros jogos de referências, outros dispositivos cognitivos.

Uma antropologia do contemporâneo deveria ser uma antropologia das contingências, da observação das condições de enunciação e dos discursos que disputam o estatuto de verdade. Portanto, dirá Rabinow, nosso de-

safio assemelha-se ao de Tucídides, o célebre historiador ateniense: tecer uma descrição que confira às falas dos atores concernidos um papel primordial na composição de uma contingência, de uma temporalidade e seus efeitos. Tucídides procurou, justamente, compreender o que se passava na longa Guerra do Peloponeso, escrevendo sobre seus eventos de um ponto de vista adjacente, que lhe propiciava não o “imediate”, mas antes uma relação “mediada” de processos, atores, práticas e discursos, permanecendo, assim, no próprio patamar contemporâneo em que se inseria.

O penúltimo capítulo prossegue essa discussão ao tratar daquilo que Rabinow chamou de *Contemporâneos Veementes*. Aqui o leitor encontrará um rico panorama sobre o lugar da moral e da ética no pensamento ocidental, que parte do marco jurídico oriundo do Império Romano em direção a algumas das mais recentes controvérsias em torno da bioética. A reconfiguração das noções de moral e ética, neste sentido, é relacionada às temáticas da autenticidade, identidade, artificialidade, da retórica e suas estratégias e, até mesmo, da capitalização do homem tornado alvo de experimentação científica. Alvo também dos cálculos e da administração pelo Estado no registro daquilo que Michel Foucault denominou biopolítica. E Paul Rabinow endossa as proposições de Foucault e Giorgio Agamben ao apontar que a “ética do cuidado” nos domínios da medicina abriu um campo de pesquisa que jaz além daquele definido pela intersecção de política e filosofia, ciências médico-biológicas e jurisprudência, turvando suas fronteiras.

O último capítulo é dedicado à obra do pintor alemão Gerhard Richter e tem como epígrafe um aforismo nietzscheano: “Defender o novo face ao antigo, ligando o antigo ao novo” (p. 101). O leitor encontrará neste ensaio uma instigante reflexão sobre a obra de Paul Klee, sua observação da natureza e intensa procura por formas e cores que a *desnaturassem*, isto é, criando um espaço intervalar que seria o lócus de uma produção que não se contentaria com a fidelidade da cópia, transgredindo a realidade observada numa trama de virtuais, de potencialidades. Assim, a natureza em processo [*la nature naturante*] torna-se mais importante para Paul Klee do que o estado de natureza [*la nature naturée*] (p. 103). Das pinturas de Klee aos seres concebidos nos domínios da biologia computacional e sintética, vislumbramos a emergência de novas formas de vida. Em ambos, nota-se que a técnica se fundiu indelevelmente à natureza, artificializando-a. Sendo assim, se nos acostumamos ao incessante desenvolvimento de artefatos e objetos, por que não modificar a natureza? (p. 104). Alterar a própria natureza pelas mãos da técnica foi exatamente o que conferiu prestígio aos trabalhos do artista Edward Steichen que inovou, ao manipular – para fins artísticos – plantas como as “esporinhas” (*Delphinium gracile* DC) mediante uso de cromossomos de outra planta, tóxica, conhecida no Brasil como açafraão-do-prado (*Colchicum autumnale* L.).

Gerhard Richter é um artista inspirado por uma busca semelhante: contrário à imitação ou mimese, faz surgir

uma fotografia feita por outros meios, *quase* natural. Suas pinturas e desenhos sobre aspectos da vida contemporânea incidem em formas capazes de suscitar uma afecção no público, de afetá-lo. Seu trabalho demarca uma relação de ortogonalidade – próximo, distante, oblíquo, adjacente – perante o tema em tela, num dilema que lhe é constitutivo. É por essa razão que Paul Rabinow vê em Richter um experimentalista contemporâneo, um compositor de imagens, linhas e cenas que não se pretende um construtor de paradigmas e arcabouços teóricos. Suas imagens constituem um espaço visual, multifacetado e diverso, onde se funda uma problematização sobre o contemporâneo. Sua obra *marks time* no sentido de que opera num liame entre dois termos, encontrando aí, no cerne de uma indeterminação, uma linha que se traça em ruptura e não em reconciliação com o passado e o futuro.

Por fim, Paul Rabinow relaciona Klee, Steichen e Richter ao termo “re-mediação”, que consiste na tradução, reconfiguração e conversão de meios e formas expressivas, sejam eles referidos a artefatos, bactérias, organismos humanos e não-humanos. Uma das características próprias ao mundo contemporâneo seria a *presentificação* de uma

demanda que, antes, projetávamos no futuro: o desejo de aprimoramento de nossas existências, formas, expressões. E se no livro *A Machine to Make a Future* (2005), Rabinow e Dan-Cohen pensavam os dispositivos que produzem o futuro, em *Marking Time* a questão se volta ao inquérito das condições e implicações do aprisionamento do futuro no presente. E o leitor poderia questionar: não há nada em comum em dois livros escritos num intervalo de tempo tão curto? Nota-se que há, sim, uma convergência, ou adjacência, como diz Rabinow. Ambos os livros são experimentos concebidos para fornecerem descrições a questões que as monografias tradicionais seriam incapazes de formular, dado seu estilo avesso à “indisciplina” da forma ensaística, posto que experimentos sejam veículos para a materialização de questões, não de respostas. De modo análogo a Gilles Deleuze e Felix Guatarri, em seu *Mil Platôs* (1995), escrever, aqui, nada tem com significar, mas com agrimensar, cartografar, promover um agenciamento de linhas e velocidades mensuráveis, mesmo que em regiões ainda por vir. Um livro assim transcrito não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, marca passos num *intermezzo*. 